

RESISTÊNCIAS NEGRAS INFANTIS NO CIBERESPAÇO¹

Lucimar Rosa Dias²
Andrea Barbosa de Andrade³
Cíntia Cardoso⁴

RESUMO: Este artigo problematiza um fenômeno que estamos identificando no Brasil e intitulamos de resistências negras infantis. Acreditamos que a tecnologia tem sido utilizada pelos ativistas negros e negras possibilitando ações de empoderamento que se espalham rapidamente por diferentes pontos do país. Para coleta do material privilegiamos informações sobre crianças negras que circularam em diferentes meios de comunicação a partir dos princípios da etnografia virtual conforme nos apresentam Gebera (2008). Foram encontradas crianças com idades entre 05 e 13 anos cuja atitude de empoderamento teve repercussão em âmbito nacional e internacional. Destas, quatro serão apresentadas neste artigo. Nossas análises para compreender as vozes dessas crianças tomou o conceito de Resistência desenvolvido por Giroux (1986) e as ideias de Hall (1997,2016) sobre Representações, consoante com a perspectiva da Sociologia da Infância, bem como, nos amparamos em autores do campo dos estudos das relações étnico-raciais e infância no Brasil para melhor entendermos seus significados. O que encontramos nos aponta que a expressão das lutas empreendidas pelos Movimentos Negros tem também ocupado o espaço alternativo da comunicação virtual com isso entra em cena ativistas cada vez mais jovens dentre estes também crianças pequenas.

Palavras-chave: Criança Negra, Resistência, Ciberespaço, Movimento Negro.

RESISTENCIAS NEGRAS INFANTILES EN EL CIBERESPACIO

RESUMEN: Este artículo problematiza un fenómeno que estamos identificando en Brasil y titulamos de resistencias negras infantiles. Creemos que la tecnología ha sido utilizada por los activistas negros y negras para permitir acciones de empoderamiento que se extienden rápidamente por diferentes puntos del país. Para la recolección del material privilegiamos informaciones sobre niños negros que circularon en diferentes medios de comunicación a partir de los principios de la etnografía virtual, conforme nos presentan Gebera (2008). Se encontraron niños con edades entre 05 y 13 años, cuya actitud de empoderamiento tuvo

¹ O presente artigo é uma versão ampliada e revisitada do trabalho apresentado no SERNEGRA V Semana de Reflexões sobre Negritude, Gênero e Raça do Instituto Federal de Brasília. (Nov.2016), assim como do artigo apresentado na II Bienal Iberoamericana de Infancias e Juventudes: transformaciones democráticas, justicia social y procesos de construcción de paz (Nov. 2016), Manizales, Caldas – Colômbia.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR. Coordenadora do NEAB/UFPR. E-mail: lucimardias1966@gmail.com.

³ Coordenadora Pedagógica e Professora da Educação Infantil, é Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR. Linha: Diversidade, Diferença e Desigualdades. E-mail: andrea.barbosa.ufms@gmail.com.

⁴ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR. Linha: Diversidade, Diferença e Desigualdades e professora da educação infantil da rede municipal de Florianópolis-SC. E-mail: cintiaafloripa@gmail.com.

repercusión a nivel nacional e internacional. De ellas, cuatro serán presentadas en este artículo. Nuestros análisis para comprender las voces de estos niños tomaron el concepto de Resistencia desarrollado por Giroux (1986) y las ideas de Hall (1997,2016) sobre Representaciones, en consonancia con la perspectiva de la Sociología de la Infancia, así como, nos amparamos en autores del campo de los estudios de las relaciones étnico-raciales e infancia en Brasil para entender mejor sus significados. Lo que encontramos nos señala que la expresión de las luchas emprendidas por los Movimientos Negros también ha ocupado el espacio alternativo de la comunicación virtual, con eso entra en escena activistas cada vez más jóvenes, entre estos también niños pequeños.

Palabras clave: Niño Negro, Resistencia, Ciberespacio, Movimiento Negro.

INFANTILE BLACK RESISTANCES IN CYBERSPACE

ABSTRACT: This article problematizes a phenomenon that we are identifying in Brazil, and we are entitled of child black resistance. We believe that technology has been used by black and black activists to enable empowering actions that spread rapidly across different parts of the country. For the collection of the material we privilege information about black children who circulated in different media from the principles of virtual ethnography as presented to us Gebera (2008). Children between the ages of 05 and 13 were found to have an empowering attitude at the national and international levels. Of these, four will be presented in this article. Our analyses to understand the voices of these children took the concept of Resistance developed by Giroux (1986) and the ideas of Hall (1997,2016) on Representations, in line with the perspective of the Sociology of Childhood, as well as, we rely on authors from the field of studies of ethnic-racial relations and childhood in Brazil to better understand their meanings. What we find indicates that the expression of the struggles undertaken by the Black Movements has also occupied the alternative space of virtual communication with that enters the scene activists increasingly younger, among these also young children.

Keywords: Black Child, Resistance, Cyberspace, Black Movement.

LES RÉSISTANCES NOIRES POUR ENFANTS DANS LE CYBERSPACE

RÉSUMÉ: Cet article pose un problème à un phénomène qu'on identifie au Brésil et qu'on appelle les résistances des enfants noirs. Nous pensons que la technologie a été utilisée par les militant-e-s noir-e-s, permettant des actions d'autonomisation qui se propagent rapidement dans différents endroits du pays. Pour recueillir le matériel, nous privilégions des informations sur les enfants noirs qui ont circulé dans différents médias à partir des principes de l'ethnographie virtuelle comme nous présente Gebera (2008). Des enfants âgés de cinq (5) à treize (13) ans ont été découverts, dont l'autonomisation a eu des répercussions sur le plan national et international. Quatre (4) d'entre eux seront présentés dans cet article. Nos analyses pour comprendre les voix de ces enfants ont pris le concept de Résistance développé par Giroux (1986) et les idées de Hall (1997,2016) sur Représentations, selon la perspective de la sociologie de

l'enfance, ainsi que nous soutenons les auteurs dans le domaine des études de relation ethno-raciale et l'enfance au Brésil pour mieux comprendre leur signification. Ce que nous trouvons, indique que l'expression des luttes entreprises par les Mouvements des Noirs a également occupé l'espace alternatif de la communication virtuelle, avec ça des activistes entrent en scène de plus en plus jeunes parmi ces mêmes enfants.

Mots-clés: Enfant noir, Résistance, Cyberspace, Mouvement des noirs.

1 Introdução

Este artigo problematiza um fenômeno que estamos identificando no Brasil e intitulamos de resistências negras infantis. Foram encontradas crianças com idade entre 05 e 13 anos cuja atitude de empoderamento teve repercussão em âmbito nacional. Destas, quatro serão apresentadas neste artigo. Nossa análise para compreender as vozes dessas crianças tomou a perspectiva da Sociologia da Infância que concebe a criança como um ator social, bem como, nos amparamos em autores do campo dos estudos das relações étnico-raciais e infância no Brasil para melhor entendermos seus significados.

Dias (2007), e Santiago (2014), trazem importantes contribuições para a discussão da educação das relações étnico-raciais na infância, embora sob o olhar do espaço institucional da educação estes trabalhos nos ajudam a pensar sobre o racismo vivido por crianças negras no espaço escolar e como lastro chegam também às mídias. Dias (2007), nos aponta que as crianças negras interrogam as professoras da primeira infância com suas atitudes levando-as a buscar informações sobre como trabalhar as relações étnico-raciais e a partir disso transformam suas práticas pedagógicas.

Santiago (2014), em sua pesquisa captura em creche situações de violência do processo de racialização que permeia as culturas infantis e a influência macro desse processo nas construções dos estereótipos referentes às crianças pequenininhas negras, mas também identifica formas pelas quais as crianças da creche resistem e enfrentam esses enquadramentos. Ambas as pesquisas constataam que as crianças negras empreendem processos de resistência a esta subalternização da identidade negra.

Partindo desta premissa de que mesmo vivendo sob os impactos do racismo estrutural da sociedade brasileira há crianças negras que tem produzido

discursos e vem traçando estratégias de resistência desenvolvendo a capacidade de fugir dos mecanismos racistas e da ideologia do branqueamento é que nos propusemos a investigar este universo ainda pouco trabalhado nas pesquisas sobre relações étnico-raciais, a criança negra considerando também o seu protagonismo na luta por igualdade racial. Para Gaitan, o protagonismo infantil é

[...] o processo social pelo qual pretende-se que meninos e meninas desempenhem o papel principal no seu próprio desenvolvimento e no da sua comunidade, para alcançar a plena realização dos seus direitos de acordo com suas necessidades. É concretizar a visão de criança como sujeito social de direitos e, portanto, deve-se redefinir os papéis dos vários componentes da sociedade: autoridades, familiares, setores não organizados, sociedade civil, organizações, etc. (1998, p.85 tradução livre das autoras)⁵

Liebel (2000) reitera que o protagonismo infantil é um processo e teve seu início entre as crianças trabalhadoras da América Latina, portanto, ao tratarmos do protagonismo da criança negra na luta antirracista, estamos considerando que estas são capazes de perceber o racismo e criam mecanismos de resistir a ele e quando se juntam aos adultos em distintas manifestações não estão simplesmente sendo levadas, mas sabem e atuam na constituição de uma sociedade igualitária racialmente. Sendo assim, nos colocamos a tarefa de identificar algumas vozes infantis desta luta.

Nosso foco é buscar essas vozes na mídia, com isso nossa hipótese é que elas estão protagonizando caminhos de valorização de sua pertença étnico-racial e é a partir deste espaço de ação que podem interrogar as práticas racistas fora do espaço virtual como a escola. Para nós elas são tanto quanto os adultos com suas vozes infantis, valentes ativistas da luta antirracista.

Dividimos este artigo em três partes, na primeira apresentaremos o histórico e legado excludente que atravessa a infância de crianças negras e as lutas dos movimentos negros no enfrentamento à exclusão social da população negra, na segunda parte apresentamos a metodologia utilizada e na última parte

⁵ Texto original: “Protagonismo Infantil es el proceso social mediante el cual se pretende que Niñas, Niños y Adolescentes desempeñen el papel principal en su propio desarrollo y el de su comunidad, para alcanzar la realización plena de sus derechos atendiendo a su interés superior. Es hacer práctica la visión de niñez como sujeto social de Derechos y por lo tanto se debe dar una redefinición de roles en los distintos componentes de la sociedad: autoridades, familia, sectores no organizados, sociedad civil, entidades, etc.” (GIATAN, 1998, p.86)

as quatro narrativas das crianças negras que elegemos como representantes deste protagonismo infantil negro.

2 Entre avanços e possibilidades, as crianças negras como sujeitos da história.

As crianças negras ainda são atingidas pela invisibilidade de sua ancestralidade e desvalorização de sua pertença étnico-racial, expostas a ações cotidianas de discriminação e racismo. Tais processos vêm apontando para uma estratificação social que ressoam em diferentes setores da sociedade seja na educação a partir de pedagogias racistas presentes nas instituições de educação denunciadas pelos movimentos negros na década de 1980 e pelas pesquisas das últimas décadas, seja na marginalização dos fenótipos negros tais como: cor da pele, cabelos crespos e ainda pelos seus modos de ser e agir, especialmente, aqueles vinculados a religiosidade são tomadas como formas de inferiorização e expropriação de sua pertença étnico-racial.

De acordo com dados divulgados pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) “Vinte e seis milhões de crianças e adolescentes brasileiros vivem em famílias pobres. Representam 45,6% do total de crianças e adolescentes do País. Desses, 17 milhões são negros. Entre as crianças brancas, a pobreza atinge 32,9%; entre as crianças negras, 56%. A iniquidade racial na pobreza entre crianças continua mantendo-se nos mesmos patamares: uma criança negra tem 70% mais risco de ser pobre do que uma criança branca”.

Mesmo as conquistas das últimas décadas não têm sido suficientes para romper com esse legado excludente que atravessa a infância de crianças negras. Para Silva Jr. (2002), o racismo é uma rede complexa de ações pautadas na violência física ou simbólica ancorada na representação da população branca como a portadora de beleza, coragem, bondade, enfim de humanidade.

A forma de tratamento destinado às crianças em especial às crianças negras brasileiras sempre foi marcada pelo abandono, sem proteção e cuidados que lhes garantissem uma vida digna. Nem a Lei do Ventre Livre e tão pouco a Roda dos Expostos assistiram de forma efetiva a criança negra. A realidade da infância negra escravizada ainda é pouco discutida, embora seja muito

significativa. Para Del Priori

Dos escravos desembarcados no mercado do Valongo, no Rio de Janeiro do início do século XIX, 4% eram crianças. Destas, apenas 1/3 sobrevivia até os 10 anos. A partir dos quatro anos, muitas delas já trabalhavam com os pais ou sozinhas, pois perder-se de seus genitores era coisa comum. Aos 12 anos, o valor de mercado das crianças já tinha dobrado. E por quê? Considerava-se que seu adestramento já estava concluído e nas listas dos inventários já aparecem com sua designação estabelecida: Chico “roça”, João “pastor”, Ana “mucama”, transformados em pequenas e precoces máquinas de trabalho. (2012, p.245)

Após o período escravagista entram em vigor na sociedade brasileira concepções do “cuidado” das crianças fundamentadas em perspectivas médicas, higienistas, jurídicas e religiosas. Segundo Marcílio (1998, p. 194),

As crianças desamparadas e maltratadas tornaram-se um problema recorrente em diversas cidades do Brasil, exigindo do governo a reestruturação de políticas públicas para atender tal questão. Nesse momento, médicos higienistas tiveram importante influência na discussão sobre os cuidados das crianças, buscando tratar de diversos aspectos considerados necessários: mortalidade infantil, cuidados com o corpo, doenças infantis, ensino, educação das mães, além de introduzirem o debate sobre Pediatria e Puericultura no campo da higiene e da saúde pública.

De menor abandonado as crianças negras passaram a ser consideradas como menores infratores (re) criando situações de exclusão e marginalização da infância, atingindo diretamente as crianças negras. Foi um longo caminho de transformações sociopolíticas e econômicas do país com intensa problematização do Movimento Negro para que se conquistasse uma legislação social que regulamentasse, oficialmente, uma nova concepção na qual a infância passa a ser vista como categoria social e a criança como um sujeito de direitos. Trata-se aqui, sobretudo da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. As legislações que se tem na atualidade são importantes, pois a mudança legal coloca na ordem do dia discussões sobre o protagonismo infantil, as diversas infâncias e, sobretudo da criança como um sujeito de direitos. Neste contexto acentua-se no país um ativismo sobre os direitos destinado a infância sedimentada em novos paradigmas.

Com isso cresce os questionamentos sobre como as diferentes infâncias existentes na sociedade brasileira estão sendo consideradas nos mais diversos espaços e campos. Há a discussão sobre a criança indígena, a ribeirinha, a

quilombola, a criança deficiência, a criança surda, a urbana e a do campo, ou seja, cresce a discussão múltiplas infância e como não poderia deixar de ser sobre o racismo que atinge as crianças negras pequenas, especialmente, no campo da pesquisa acadêmica em educação que passa a investigar a educação infantil e as relações étnico-raciais.

Neste campo a legislação com maior força foi a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação em seu artigo 26-A pela Lei nº 10.639/03 (que depois foi novamente alterado em 2008 pela Lei 11.645) e 79-B (mantido pela Lei 10.639/03) que instituiu a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares e em 2004 se estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana que se aplica da Educação Infantil à Educação Superior.

Ainda assim, o suporte legal não garante uma mudança efetiva no tratamento da (re) educação das relações étnico-raciais no espaço interno das instituições de ensino e nem na sociedade de modo geral. Mas, é neste movimento entre o legal e o real que algumas representações negativas sobre ser negro consolidadas socialmente vão sendo questionadas e novos sujeitos vêm construindo outras representações reivindicando outro lugar e constituindo possibilidades no trato com as diferenças que divergem daquelas supostamente aceitos. Assim, nosso argumento é que também as crianças negras (assim como as outras) vão (re) construindo novas maneiras de representar o pertencimento racial e cultural possibilitando o reconhecimento da diferença, o diálogo, a troca, a (re) educação dos sentidos de forma que questiona a subalternização de um modelo de representação. Para Hall (1997) as representações são passíveis de mudanças, pois são

O resultado de um conjunto de convenções sociais. Ela é definida socialmente, fixadas na cultura. Os falantes de castelhano ou Inglês ou hindus deveriam, ao longo do tempo, sem decisões ou escolhas conscientes, chegar a um acordo não escrito, uma forma de acordo cultural [não escrito], segundo a qual, nas suas diversas línguas, certos sinais estão, ou representam certos conceitos. Isto é o que as crianças aprendem, e como eles se tornam, e não são simplesmente indivíduos biológicos, e sim sujeitos culturais. Aprendem o sistema e as convenções da representação, os códigos de sua língua e cultura, que os prepara com um "saber fazer" cultural que lhes permitem funcionar como sujeitos culturalmente competentes. Não que esse conhecimento esteja impresso em seus genes, mas porque eles aprendem as suas convenções e assim tornam-se gradualmente "pessoas da cultura", isto é, membros de sua cultura. Eles internalizam inconscientemente

códigos que lhes permitem expressar certos conceitos e ideias através do sistemas de representação – a escrita, a fala, os gestos, visualização e outros – e interpretam as ideias que lhes são comunicadas usando os mesmos sistemas. (1997, p. 08 tradução livre das autoras)

Entre avanços e possibilidades, as crianças negras como sujeitos da história vêm rompendo com esse enquadramento racista, produzindo um discurso infantil de resistência e de orgulho do seu pertencimento, ou seja, em meio ao discurso hegemônico do racismo brasileiro, há fissuras que geram contradições nesta hegemonia e nesse sentido é para nós Resistência. Del Priori aponta que

Trabalho ao longo da infância, sem tempo para a ideia que comumente associamos à infância, a da brincadeira e do riso, era o lema perverso da escravidão. Contudo, a mesma resistência que se lhe opunham os adultos foi transmitida à criança. Não foram poucas as que contrariaram a obrigação do eito e a exploração, pela fuga. (DEL PRIORI 2012, p.246)

O que as crianças negras fizeram no passado e estão fazendo no tempo presente é luta política e ato de resistência seguramente, pois de acordo com Giroux (1986) é possível capturar “comportamentos de resistência”, isto é, elas com suas atitudes provocam reflexões críticas e ação reflexiva e estão inseridas em lutas políticas coletivas que almejam redirecionar o poder e a determinação social.

Hall a partir do conceito de representações nos instiga a buscar nas atitudes infantis um componente importante para compreender as possibilidades de mudança da condição desfavorável da criança negra em uma sociedade racista e escolhemos como campo de investigação dessas atitudes as redes sociais, pois para nós elas na contemporaneidade se configuram como transmissoras de novas representações sobre ser negro. Conforme Hall (1997), a cultura se dá a partir do compartilhamento de significados e a linguagem é o meio pelo qual “damos sentido” às coisas, e produzimos significados.

[...] a questão do significado surge em relação a *todos os diferentes* momentos ou práticas de nosso “circuito da cultura” — na construção da identidade e na delimitação da diferença, na produção e consumo, bem como na regulação das condutas sociais. Todavia, em todas estas instâncias e em todas estas localizações institucionais, a linguagem é um dos “meios” privilegiados através dos quais é produzido e circula o significado. (HALL 1997. p. 03).

Todavia esse conjunto de conceitos precisa ser compartilhado pelos membros da mesma cultura para que o pensar e o sentir sejam em si “sistemas”
Journal of African And Afro-Brazilian Studies, v. 1, n. 1, 2022

de representação”. Sendo assim, há suficientes denúncias embasadas em pesquisas e na empiria de que as iniciativas publicitárias quando apresentam imagens positivas de crianças o faz majoritariamente com crianças brancas intencionalmente. Compartilha-se a construção de um imaginário em que brancos são a regra para o que é bom. Embora sem o conceito de branquitude constituído e para além da brancura da pele como um dos traços da identidade branca soma-se a isso a inescapável associação da branquitude ao prestígio social e político, aliado à vantagem racial dos sujeitos, o que Giroux (1997), denominou de poder “representativo da branquitude”.

Podemos afirmar que a questão da supremacia branca na sociedade nunca esteve silenciada, o movimento negro sempre pautou as vantagens simbólicas e materiais do branco, incluem-se aí os espaços das mídias, como um marco nas lutas dos movimentos negros, por exemplo, foi a criação da Imprensa Negra surgida na cidade de São Paulo, 1915, movimento de enfrentamento as barreiras de uma imprensa branca.

O surgimento de uma imprensa negra demarca um fator de importância crucial na luta ideológica antirracista, não somente como veículo de denúncia, mas que serviram de veiculação organizacional dos negros. Embora estejamos falando de um marco do século passado, o racismo alojado de forma estrutural segue latente na sociedade, o espaço da mídia continua a refletir e também reproduzir a lógica racista, quando a exaltação de um corpo branco e magro é tido como modelo universal de humanidade, significado de beleza, inteligência, reforçando práticas presentes no imaginário social brasileiro.

No entanto, o espaço das mídias pode também servir para promover a visibilidade das lutas empreendidas pelas ativistas negras e negros na produção de representações positivas da identidade, cultura afro-brasileira e africana, nossa hipótese é de que as crianças negras tem sido um foco específico e talvez prioritário, considerando os aspectos positivos e as mudanças que neste sentido tem contribuído para que estas crianças negras atingidas diretamente pelo racismo construam além de mecanismo de defesa e resistência, referenciais positivos de negritude.

3 As novas mídias como um veículo de construção às representações positivas para a população negra

A partir da estética, poesia, música e da resistência cultural negra, construiremos uma narrativa que aponta tais aportes como ferramentas política materializando novas expressões para a luta antirracista.

Ademais, com o advento da tecnologia TIC's (Tecnologia de Informação e Comunicação) e a *cibercultura* originaram o conceito de *ciberativismo*: um formato de ativismo realizado através das tecnologias, principalmente através da *internet*.

A tecnologia como meio de conexão para comunicação em massa tem possibilitado um movimento de resistência contra as exclusões e valorização da ancestralidade. Atividades de mobilizações através das redes sociais, como marchas, passeatas, vêm avivando uma susceptibilidade na consciência de indivíduos participantes ou não de movimentos organizados.

Nossa percepção é que as novas mídias têm sido férteis para a constituição destas resistências e a construção de novas representações para toda a população negra. Para coleta do material nos inspiramos em parte dos princípios da *netnografia* conforme nos apresentam Gebera (2008, p.09).

A netnografia é um método novo de pesquisa dos espaços virtuais que está em processo de expansão e formulação teórica e metodológica. A netnografia é uma instância da aplicação de estudos de etnografia em estudos de vivências na Internet. Como técnica de investigação, a netnografia incorpora uma possibilidade real para abordar o que está acontecendo em comunidades virtuais. A netnografia como um método de investigação, poderia incidir, além do marketing, também a aplicação em processos formativos ou em outros campos onde se busque as necessidades e interesses de internautas. (GEBERA, 2008, p.09 tradução livre das autoras).

Seguindo alguns dos princípios da netnografia a primeira parte da pesquisa⁶buscou identificar em blogs, sites, revistas digitais e páginas em redes sociais como a identidade da criança negra estava sendo positivada. Para o levantamento desses os descritores escolhidos para busca foram: “negros”, “o negro”, “negritude”, “afrodescentes”, “africanismos” e “afro-brasileiros”. Inicialmente a busca foi realizada no Facebook, rede social escolhida pelo amplo

⁶ Esta parte da pesquisa contou com a colaboração de Andrea Barbosa, acadêmica do curso de Pedagogia da UFMS.

e diversificado perfil de seus usuários, e posteriormente através de busca do Google, selecionamos com essa segunda ferramenta as páginas com maior popularidade, através do critério de número de acessos à página. Nessa pesquisa foram levantados mais de uma centena de páginas no Facebook e milhares no Google.

Desse montante foram selecionadas as páginas com maior visibilidade (likes e acessos), preferencialmente páginas brasileiras (apenas 4 páginas estrangeiras foram inclusas na pesquisa por possuírem grande popularidade no Brasil). Sendo que destas foram selecionados: 6 blogs, 4 sites e 28 páginas do Facebook⁷ para análise de imagens, conceitos e conteúdos nelas divulgados. Neste artigo trataremos apenas das narrativas infantis, que se constituiu numa segunda etapa da pesquisa e não de toda a pesquisa realizada.

O que encontramos nos aponta que a expressão das lutas empreendidas pelo MN⁸ tem também ocupado o espaço alternativo da comunicação virtual, por meio do ciberativismo, isto é, um novo ativismo que tem levado a constituição de uma Cibercultura, definido por LEVY (1999),

o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço” (1999, p.17) e para melhor compreensão também consideramos profícuo trazer o conceito de Ciberespaço. Para o autor o ciberespaço [é um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material de comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (1999, p.17).

A partir do ciberativismo esses movimentos se materializam fora do espaço virtual, um bom exemplo disso são os chamados “encontros das crespas e cacheadas” que já ocorrem nas mais diferentes regiões brasileiras, marchas, passeatas, dentre outras formas de manifestação político-estéticas e artísticas são convocadas por estes meios e vem avivando outra forma de organização de movimentos de resistência negra.

As páginas identificadas em nossa pesquisa operavam, sobretudo no sentido de desvincular a imagem do negro/a dos estereótipos de inferiorizado, quase a totalidade das publicações exaltavam a beleza negra, valorizando a

⁷ No decorrer do texto trataremos os diferentes meios *blogs, sites e etc* como “páginas”.

⁸ Movimento Negro.

estrutura corporal, a cor da pele e principalmente os cabelos crespos. As imagens escolhidas para essas publicações retratam o “negro lindo”, o “negro forte” e o “negro sensual”. Numa evidente alusão ao movimento cultural “*Black is Beautiful*” que começou nos Estados Unidos da América na década de 1960 conduzida pelos afro-americanos e influenciados pela produção teórica de *Steve Biko*, um dos ícones do Movimento de Consciência Negra da África do Sul. O espaço virtual tem permitido criar novas linguagens sobre uma velha questão: o combate ao racismo. O meio tem sido, sobretudo, um discurso de valorização do corpo e da cultura negra. Também foi perceptível que a criança negra tem sido um dos públicos centrais desse discurso.

Várias páginas distribuem imagens de crianças negras empoderadas, com seus cabelos crespos, turbantes e outras formas estéticas demonstrando o orgulho do pertencimento étnico-racial. Muitas páginas já colocam no título a centralidade da criança. Como exemplo temos: *Crianças Negras são Lindas*⁹ com 60.756 curtidas, *Crianças Negras* com 117 mil curtidas, dentre várias outras.

Ao nos darmos conta desses fenômenos e sabedoras de que as páginas não podiam ser criadas por crianças nos perguntamos se haveria desse modo uma voz protagonista das crianças negras nesses processos e então passamos a buscar publicações em que as próprias crianças atuassem.

Nessa procura foram identificadas crianças entre 05 e 13 anos¹⁰. Este artigo traz com mais detalhes sobre Gustavo Gomes Silva dos Santos, na época com 10 anos, Elis Catanhede com 5 anos e uma narrativa internacional recente que viralizou na mídia mundial junho/2016, Marley Dias 12 anos, garota americana. Além destas foram identificadas outras crianças. A seguir nos deteremos sobre o que dizem estas crianças, como dizem e como suas vozes repercutem e são parte da luta antirracista no Brasil.

4 Crianças negras: vozes de resistência em ação

4.1 primeira narrativa: Gustavo - a literatura que explode o racismo

O menino Gustavo Gomes Silva dos Santos, em 2014 tinha 10 anos e era aluno do Centro de Educação Unificado Vila Curuçá, na zona leste de São Paulo.

⁹ Informações de curtidas e números de membros obtidas em acesso às páginas no dia 05/09/2016

¹⁰ A idade das crianças corresponde ao momento em que aparecerem nas mídias.

Ele ficou conhecido após uma reportagem da TVT (TV dos Trabalhadores do ABC Paulista) que foi divulgada em novembro de 2014 no you tube e atualmente tem 445.404 visualizações. A matéria buscou ouvir a opinião das crianças que participaram da atividade “Seminário Leituraço”. Esta ação é desenvolvida pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. O seminário tem o objetivo de contribuir para o processo de implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornam obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena. O mesmo teve início em 2014 e já está na sua terceira versão.

Sua entrevista circulou na rede social facebook e tornou-se um ícone de militância contra o preconceito racial. Ele conseguiu ocupar um espaço que muitos adultos ativistas não conseguem. Sua fala articulada, propositiva e ao mesmo tempo amável e segura. Para Gustavo

[...] o racismo tem de ser combatido sempre, é uma atitude estúpida do ser humano. É como tivesse decidido para de evoluir, porque foi descobrindo várias coisas. Descobriu tecnologias, descobriu como se faz um avião, como se faz uma televisão, como se faz praticamente tudo. Como se cura doenças e ainda não consegue entender que as pessoas são iguais por dentro, então, não tem porque discriminar. (ENTREVISTA TVT, 03 NOV. 2015)

A consciência que Gustavo apresenta sobre seu pertencimento étnico-racial corrobora as muitas defesas que ativistas e pesquisadores/as adultos/as tem feito de uma escola que possa rediscutir as relações considerando a dimensão étnico-racial. Pois, Gustavo na escola deveria ter sido protegido pela Instituição. As meninas que o discriminavam deveriam ser confrontadas com novas lógicas para repensarem suas atitudes, porém pelo que ele relata e ao nada disso aconteceu.

Para Araújo e Silva (2012, p. 195, 196), o que se espera dos sistemas educacionais é que

Do ponto de vista de políticas educacionais, a pretensão é a mudança de foco da ótica eurocêntrica para a ótica plural, das mil e uma histórias do oriente, das fábulas incontáveis do país dos sábios (Etiópia), das maravilhosas fábulas!Khun, das artes bantos de contar e embalar mentes e corações, dos instigantes mitos iorubas! Descolonizar os currículos, descolonizando os escritos e a nós mesmos. Nas palavras da nossa sábia, Toni Morrisson, a busca é por quando a literatura ‘explode ou prejudica o racismo’. Essa também se tornou nossa busca: quando olhamos para a produção recente de livros de literatura infantil que quer dizer sobre nós, negras/os da diáspora para as crianças, em

prol da igualdade étnico-racial, buscamos as explosões e os prejuízos, ao mesmo tempo em que recolhemos e reconhecemos a fabricação e as permanências.

Gustavo implode o discurso racista e de receptor torna-se autor e para além das vozes das quais se apropria nos coloca a sua própria voz para ser ouvida/lida. Também na trilha de autoria, a pequena Elis Catanhede.

4.2 Terceira Narrativa: Elis - dança negra é power

Elis Catanhede é uma menina negra com 5 anos em 2016 que teve sua imagem divulgada nas redes sociais porque fala por meio de uma gravação postada no *you tube*, por sua mãe, sobre o seu cabelo *black power*. Ela diz:

Oi, gente, tudo bem? Isso não é peruca, é meu cabelo. E eu sei que não é peruca. É meu cabelo. Tá é assim. Meu cabelo já nasceu assim. E minha mãe já botou pro alto. Não uso cleme, só uso cleme pra ficar pro alto. Uso cleme e não tenho cabelo liso. Então eu nasci assim. Não é peruca e tanto que falei. Não é peruca. Meu cabelo não pé liso e eu sou preta.

Desde os dois anos a pequena notável participa de um projeto social da periferia do Rio de Janeiro, no qual crianças e jovens praticam dança. Antes do vídeo sobre seu cabelo, há outros acessíveis no *youtube* na qual ela aparece dançando. Evidentemente que depois que o vídeo viralizou, a pequena foi chamada a vários programas. Sua família produz roupas e acessórios com referências da cultura afro-brasileira e também são produtores do baile “os crespinhos”, atuam na periferia do Rio de Janeiro. Estão cientes do lugar do negro no Brasil.

O que marca a narrativa de Elis é a relação que ela estabelece com sua estética. Ela está confortável com suas roupas, com seu cabelo e com a sua dança, marcadamente negra. A eloquência está exatamente nisso. O fato de ser tão pequena encanta e ganha espaço para um novo jeito de ser criança, ser negra, ter cabelos crespos.

E por fim, vamos apresentar a última narrativa ocorrida em um contexto internacional que ganhou visibilidade em várias partes do mundo.

4.4 Quarta Narrativa: Marley Dias 12 anos, garota americana.

“Cansei de livros sobre meninos brancos e seus cães”.
Marley Dias.

Marley, utiliza da literatura negra infantil para o enfrentamento da invisibilidade e ausência do protagonismo negro na literatura. Marley Dias, uma menina negra que se auto intitula como uma menina apaixonada por livros e ávida leitora, cansada de nunca ver nas histórias negros como protagonistas sobretudo meninas negras, em 2015 tomou a iniciativa e então resolveu mudar isso e lançou a campanha #1000BlackGirlBooks (mil livros de garotas negras).

Com objetivo de coletar e doar 1.000 livros em que garotas negras fossem personagem principal, a campanha ganhou visibilidade e em uma das inúmeras entrevistas á revistas e jornais, Marley faz reflexões sobre a representatividade e de como foi capaz, de forma positiva, lidar com a não representatividade nos livros de literatura. Ao ser questionada Marley responde, “a frustração é combustível que pode levar ao desenvolvimento de uma ideia inovadora e útil.”(entrevista concedida a revista Forbes Women).¹¹

No discurso de Marley e sob a luz do aporte teórico Hall, é possível compreender como a representação é eficaz, no sentido de promover significados. Ao lançar a campanha #1000BlackGirlBooks, a garota tem pleno entendimento do porque a faz, embora ainda não tenhamos informações mais consistente sobre a família e das origens dos repertórios de militância da menina, de certo modo sua fala é consoante com as lutas empreendidas por ativistas negras e negros pelo mundo, a representatividade, embora com realidade diferente do contexto brasileiro o legado do pós-abolição corre mundo.

Estamos falando de um contexto estadunidense, terra de referências mundiais na luta dos direitos civis dos negros e no enfrentamento antirracista, como a filósofa, ativista, referência no mundo Angela Davis, Rosa Park, Martin Luther King e Malcon X e tantos outros. Sobre as possibilidades e percepções da prática representativa Hall, (2016), nos traz importantes considerações,

Nesse momento a representação surge como “representação política” que em seu ato de representar constitui não somente a identidade, mas

¹¹ Fonte: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT. Para maiores informações, consultar: <http://www.ceert.org.br/>

a própria qualidade existencial ou “realidade” (ontológica), da comunidade política, sendo representada em seus valores, interesses, posicionamentos, prioridades, com seus membros (e não membros), suas regras e instituições. Nesse contexto, da “representação política” não ter voz ou não ser ver representado pode significar nada menos que opressão existencial. (Hall, 2016, p.13).

Logo o discurso de Marley nos leva a afirmar que crianças negras em diferentes contextos vêm reivindicando o seu direito a (r)existir, vozes infantis negras potentes estão desde a infância trazendo novas representações da população negra que se contrapõe aquelas consolidadas pelo colonizador na nossa cultura e outros acordos de significados estão sendo gestados. Atualmente, Marley tem mais de 9 mil livros, seu próximo passo é escrever seu próprio livro.

Considerações finais

Nossa conclusão ao nos debruçarmos no que dizem essas crianças é que a luta do Movimento Negro ao ocupar também o espaço da mídia vem demarcando uma nova fase de fazer política com a entrada em cena de crianças pequenas. As crianças estão construindo seus ativismos a partir de diferentes lugares sociais e todos têm sua importância, constituindo novos discursos do lugar social da criança negra.

Essa luta com a voz poderosa da infância que ecoa a partir das novas mídias e na visibilidade que se tem dado as múltiplas infâncias, a partir de diferentes linguagens e estratégias: a leitura, a dança, a música, o orgulho de ser onde se é e como se é se as crianças constituem-se como atores sociais ativos na luta antirracista no Brasil.

Na interpretação dos diálogos vamos percebendo o quanto as representações a partir da cultura são eficazes na construção positiva da identidade. Da literatura a estética o orgulho da pertença étnico-racial vai fortalecendo a identidade de crianças negras, que constroem narrativas de resistência e enfrentamento ao racismo. As crianças negras são atuantes na luta antirracista fazendo circular novos modos e significação de ser criança negra.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Débora Oyayomi Cristina de, SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. **Diversidade étnico-racial e a produção literária infantil: análise de resultados**. IN: BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

DEL PRIORI, M. A criança negra no Brasil. In JACÓ-VILELA, AM, and SATO, L., orgs. Diálogos em psicologia social [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 232- 253. ISBN: 978-85-7982-060-1. Available from SciELO Books.

DIAS, Lucimar Rosa. **No fio do horizonte: educadoras da primeira infância e o combate ao racismo**. 2012. 321 p. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

FARIAS Mabel. **Infância e educação no Brasil nascente**. In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de (Org.). Educação da infância: história e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

GAITÁN, A. (1998). **“Protagonismo Infantil”**. Seminario La Participacion de Niños y Adolescentes en el Contexto de la Convención sobre los Derechos del Niño: Visiones y Perspectivas. Bogotá: 85-104.

GEBERA, Osbaldo Washington Turpo. **La netnografía: un método de investigación en Internet**. Revista Iberoamericana de Educación, n.º 47/2 – 10 de octubre de 2008.

FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. 1ª edição digital São Paulo: Editora Global, 2012.

GIROUX, H. **Teoria crítica e resistência em Educação: para além das teorias de reprodução**. Trad. Ângela Maria B. Biaggio. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi, MEIRELLES, Giselle **Problematizando o conceito de empoderamento**. Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia, UFSC, Florianópolis, Brasil. 25 a 27 de abril de 2007.

HALL, Stuart. **“The work of representation”**. In: HALL, Stuart (org.) Representation. Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

_____. **Cultura e representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira, Rio de Janeiro: Editora Apicuri, 2016.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa, São Paulo: Editora 34, 1999.

MANFRED, Liebel. **La outra infância**. Niñez Trabajadora y Acción Social. Lima: Ed. Ifejant, 2000.

MARCÍLIO, Maria Luíza. **A roda dos expostos e a criança abandonada na**

História do Brasil, 1726-1950. In: FREITAS, Marcos Cezar de. História social da infância no Brasil. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **História social da criança abandonada.** São Paulo: Hucitec, 1998.

VENÂNCIO, R. P. Maternidade Negada: **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo, Unesp, 1997.

SANTIAGO, Flávio. Meu cabelo é assim... igualzinho o da bruxa, todo armado! Hierarquização e racialização das crianças pequenininhas negras na educação infantil. 2014. 127f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas- SP, 2014.

SILVA JR., Hédio. **Direito de Igualdade Racial:** aspectos constitucionais, civis e penais: doutrina e jurisprudência. São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 2002.

UNICEF. **O impacto do racismo na infância.** Campanha por uma infância sem racismo. Folder. Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Brasília, 2010.